

Imprensa e CT&I no Vale do Paraíba: O Jornalismo Científico nas redações da região¹

Kátia ZANVETTOR²

Ana SERAPIÃO³

Leonardo Augusto Moraes do CARMO⁴

Milena Cristina PERES⁵

Paula MIGUEL; Yasmin FERREIRA⁶

Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP

RESUMO

Este trabalho faz parte da continuidade da pesquisa “CT&I em notícia”, com uma primeira etapa encerrada em 2018, que contou com apoio do CNPq via edital Universal e buscou compreender a presença da ciência na pauta do jornalismo da região do Vale do Paraíba. O presente estudo tem como objetivo compreender qual é o perfil dos jornalistas das redações da região e como eles entendem o jornalismo científico. Para isso, utilizamos como metodologia a aplicação de um questionário quali-quantitativo, no qual obtivemos o total de 18 respostas, de jornalistas de vários veículos de imprensa.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Científico; Vale do Paraíba; Divulgação Científica, Perfil dos Jornalistas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar o jornalismo científico nas redações da cidade de São José dos Campos e região, com foco em entender quem são os jornalistas, o perfil profissional destes e o contato ou formação na ciência que tiveram ou não. Procurar compreender os jornalistas que estão dentro das redações fazendo a cobertura de notícias na região do Vale do Paraíba que é sede de grandes empresas voltadas à CT&I foi uma questão que surgiu a partir dos resultados encontrados na investigação

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – (Jornalismo) do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Orientadora do trabalho. Prof. Dra. Coordenadora do Labcom Univap, e-mail: katia.zanvettor@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 3º semestre do curso de Rádio e Tv da Universidade do Vale do Paraíba e pesquisadora do Labcom Univap; e-mail: serapiao_ana@ymail.com

⁴ Estudante de Graduação do 3º semestre do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Paraíba e pesquisador do Labcom Univap; e-mail: leonardo.amc@outlook.com

⁵ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural, colaboradora do Labcom Univap, e-mail: milenacp1005@gmail.com

⁶ Estudantes da Universidade do Vale do Paraíba e pesquisadoras do Labcom Univap.

anterior (MARIOTO; ZANVETTOR, 2018) que apontam que, ainda que a cidade seja grande polo de produção científica, há pouco espaço para ciência no jornalismo local.

As autoras MARIOTO; ZANVETTOR (2018) procuraram compreender a ciência no jornalismo na região do Vale do Paraíba por meio de análise de conteúdo (Bardin, 2004), trabalhando para identificar, a partir das palavras-chave Ciência, Tecnologia, Inovação e Pesquisa, a intensidade e a qualidade da cobertura nos veículos de comunicação TV Vanguarda, Portal G1 – Vale do Paraíba, Revista Metrópole Online (do grupo Meon de Comunicação) e jornal O Vale, em matérias selecionadas entre os anos de 2015-2016 (no caso da Revista Metrópole Online) e 2016 – 2017 (para os demais veículos).

Segundo os resultados obtidos, o segmento em CT&I mais abordado nas reportagens de acordo é a tecnologia. O Jornal O Vale é, dentre os veículos analisados, o que mais conta com espaço para este tipo de conteúdo.

A conclusão da pesquisa mostra que o espaço dedicado ao jornalismo científico nos veículos de comunicação na região do Vale do Paraíba é um espaço pequeno, focado em mostrar ciência a partir de uma pesquisa utilitária, ou seja, as pautas priorizam temas de ciência em que é possível fazer correlação entre os resultados científicos e alguma alteração direta no cotidiano do público do veículo. Isto faz com que os conteúdos fiquem restritos a temas da ciência aplicada e pouco preocupados com métodos, procedimentos científicos e avanços mais gerais da ciência.

Na região de São José dos Campos estão localizadas grandes sedes de CT&I. (MARIOTO; ZANVETTOR, 2018). Uma de nossas dúvidas na continuidade desta investigação é compreender se, ainda que a cobertura seja restrita, há um debate e uma formação de massa crítica sobre a melhor forma de cobertura da ciência no interior das redações. Como os jornalistas locais analisam e compreendem essa situação da cobertura e como eles e elas são afetados por ela.

Para compreender este cenário, partimos em busca de informações sobre o perfil acadêmico e profissional dos jornalistas da região, para buscar entender como se dá a carência de pautas científicas a partir de quem apura e divulga a notícia.

A pesquisa de Marioto e Zanvettor (2018) também incentivou uma nova investigação feita por Zanvettor et al. (2019) que buscou compreender a relação entre produção científica e imprensa, no Vale do Paraíba, a partir da visão dos editores dos principais veículos da região. Como resultados, podemos observar que a maior

dificuldade encontrada pelos editores na produção de pautas científicas tem relação com a linguagem técnica da ciência que, por conta das redações estarem enxutas e o tempo ser escasso, atrapalham a apuração do jornalista.

O mesmo trabalho ainda apontou que o pouco ou nenhum contato dos jornalistas editores entrevistados com jornalismo científico na formação acadêmica também pode ser um dos fatores que colaboram para a pouca produção de reportagens de ciência, o que mostra uma necessidade da formação continuada na área.

É a partir de todo este contexto previamente analisado pela pesquisa que partimos à procura de entender como esse processo acontece entre os profissionais que estão dia a dia no trabalho de jornalista, atuando nas redações.

METODOLOGIA

Este artigo é resultado de uma pesquisa quali-quantitativa desenvolvida pelo grupo de comunicação e ciência da Universidade do Vale do Paraíba, Labcom Univap, que buscou analisar qual é o cenário da profissão jornalista, em princípio, em São José dos Campos, procurando investigar, com ênfase, o perfil dos jornalistas nas redações e sua relação com a ciência ou com jornalismo científico.

Os autores enviaram às redações e aos jornalistas um formulário digital contendo 28 perguntas, das quais 19 são questões fechadas e 9 são questões abertas, que foram respondidas por 18 pessoas durante o período aproximado de um mês. As primeiras perguntas estavam relacionadas à identificação do perfil geral dos jornalistas, como gênero, faixa etária, etnia, estado civil e formação acadêmica. Também foram formuladas questões vinculadas ao perfil profissional, como exercício da profissão, área de atuação, faixa salarial, tipo de contratação e jornada de trabalho.

As demais perguntas estão relacionadas à formação acadêmica e ao contato com ciência e jornalismo científico: contato com ciência na graduação, interesse por ciência, papel da assessoria de imprensa na área da ciência, qualidade do contato com produtores de ciência, etc. Por fim, deixamos um campo livre para que fossem compartilhadas informações da trajetória profissional. Esta questão não era obrigatória e foi respondida por duas pessoas.

A partir da análise das respostas que obtivemos com o questionário, procuramos traçar uma relação entre o que dizem os teóricos e estudiosos da Divulgação Científica

com o perfil dos jornalistas na região do Vale do Paraíba e suas ligações com a ciência. Tal relação apresentamos nos resultados abaixo.

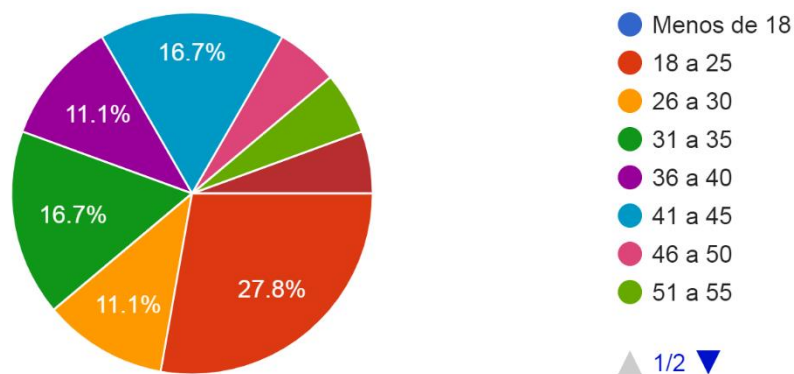
RESULTADOS

O formulário foi respondido por 18 jornalistas, 10 homens (55,6%) e 8 mulheres (44,4%), com o seguinte perfil: em sua maioria brancos (88,9%), casados (44,4%) ou noivos (38,9%).

Desses, 27,8% estão na faixa etária de 18 e 25 anos, 16,7% entre 31 e 35 anos e 16,7% entre 41 e 45 anos.

Faixa Etária

18 responses

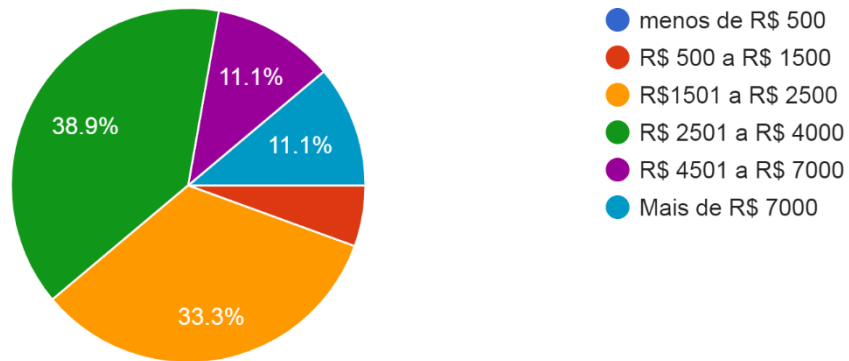


Fonte: Grupo de Pesquisa, autoria própria.

Das questões vinculadas ao perfil profissional, 94,5 % exercem a profissão de jornalista, 55,6% contratados no regime de CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e 44,4% como Pessoa Jurídica. Em sua maioria (61,1%) possuem uma jornada de trabalho entre 8 e 12 horas com faixa salarial de R\$1501 a R\$4000 (72,2%).

Se se sentir confortável em responder, qual sua faixa salarial?

18 respostas



Fonte: Grupo de Pesquisa, autoria própria.

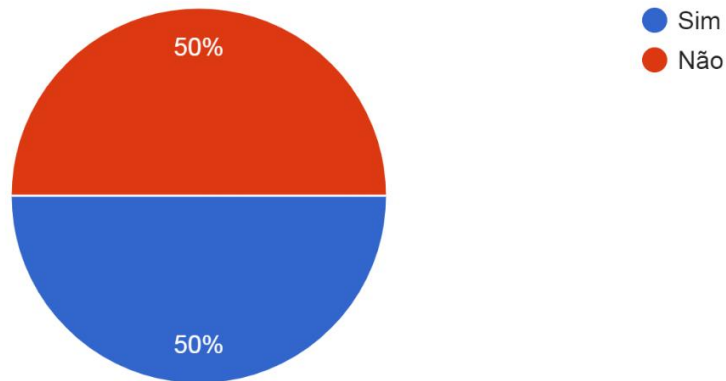
Os dados relacionados à formação acadêmica e ao contato com ciência e jornalismo científico mostram que 66,7% possuem nível superior, e 33,3% são pós-graduados.

Com relação às instituições que se graduaram, a maioria teve sua formação na região do Vale do Paraíba, 44,4% estudaram na Univap, 27,8% na Unitau, e 33,3% em universidades de outras regiões.

No levantamento, 72,2% afirmaram que tiveram contato com jornalismo científico durante a formação. Dos que responderam a pergunta de forma negativa (27,8%), 80% afirmaram ter sentido falta do contato com a ciência e sua divulgação nos anos de formação acadêmica.

Já cobriu Ciência?

18 responses



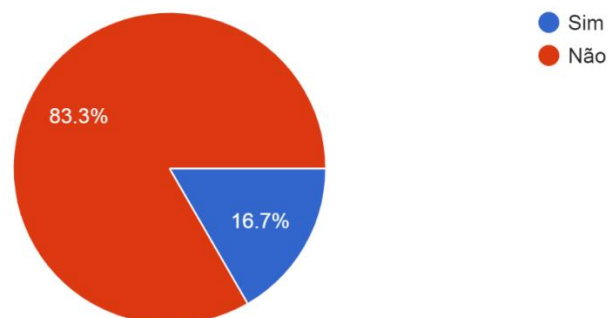
Fonte: Grupo de Pesquisa, autoria própria.

Metade dos entrevistados (50%) afirmou que nunca cobriu ciência o período em que está inserida no mercado de trabalho.

Na questão sobre a existência da editoria de ciência no veículo de em que trabalham, 83,3% responderam que não há, e 16,7% que existe.

Existe editoria de ciência no seu veículo?

18 responses



Fonte: Grupo de Pesquisa, autoria própria.

Outra questão que colocamos no questionário tem relação à assessoria de imprensa. Interessamos entender se a atuação da assessoria de imprensa ajuda ou não a formulação de pautas científicas entre os jornalistas entrevistados. Abaixo, apresentamos uma figura que traz os relatos deixados no questionário sobre esta pergunta.



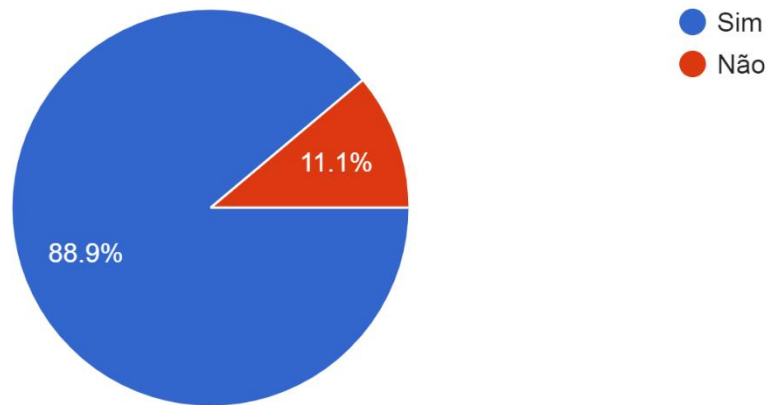
Figura 1 - Elaborada pelos autores

A figura mostra as principais frases que foram bastante repetidas quando os jornalistas das redações responderam sobre assessoria de imprensa. Neste caso, podemos relacionar à pesquisa de Zanvettor et al (2019), que também identificou, entre os editores dos veículos de imprensa, esta problemática envolvendo a assessoria. Decidimos, portanto, continuar a investigação sobre esta vertente em um próximo trabalho que dará sequência à pesquisa por meio de entrevistas com assessores de instituição científica.

O último gráfico que apresentaremos na sequência nos faz refletir, também e mais uma vez, sobre a importância da formação do jornalista abordar em algum momento a área científica com certo aprofundamento:

Tem interesse na área de Ciência?

18 responses



Fonte: Grupo de pesquisa, autoria própria.

Embora a maioria dos entrevistados tenham tido pouco contato com ciência durante a formação, sintam dificuldade em relação à assessoria de imprensa e metade dos participantes da pesquisa nunca ter feito cobertura de ciência, o interesse na área é muito forte: quase 90% afirmam que se interessam pela vertente científica.

DISCUSSÃO

O debate sobre a importância e a complexidade da Divulgação Científica são tão antigos quanto a própria ciência e precisam ser constantemente discutidos a partir de uma perspectiva que coloca a relação ciência e sociedade em centralidade (MASSOLA, et. al, 2015).

O próprio debate sobre o jornalismo científico seria ou não um tipo de divulgação científica ou se estariam em campos diferentes (Costa, 2010) é uma questão que está colocada para o nosso estudo. Parte-se, contudo, da percepção que desenvolvimento científico e tecnológico é causa e consequência da ampliação da pressão da sociedade para ter mais acesso aos assuntos científico que os comoveria diretamente no cotidiano.

“Essas pesquisas envolvem todos os tipos de ciência, como questões relativas à política, à saúde, à economia. Sendo assim, seus resultados refletem na maioria das vezes de maneira direta sobre a população que sequer se dá conta disso. É exatamente diante dessa ocorrência que o jornalismo científico busca garantir o direito à informação – destacado na Declaração Universal dos Direitos Humanos divulgada pela ONU em 1948 –, para que todos tenham consciência do que acontece no país e saibam interferir nas decisões que dirigem-no. “O jornalismo científico pode entrar em cena como agente facilitador na construção da cidadania”. (OLIVEIRA, 2002, pp.15)”. (SILVA, 2010)

Sendo assim, o interesse público do assunto em ciência, parece que funcionou como uma das portas de entrada para o debate sobre a responsabilidade dos jornalistas de explanar o que os cientistas da área diziam, havendo um aumento significativo da cobertura jornalística na área. “Devido ao desenvolvimento científico e tecnológico decorrente da Primeira Guerra Mundial (1914-1919), houve um aumento importante da cobertura jornalística na área da ciência e tecnologia.” (CUNHA, 2007).

O fato de a maioria dos entrevistados apresentarem interesse na área da ciência conversa com o que afirmam Caldas e Macedo (1999):

“A crescente influência da ciência na sociedade tem levado a população brasileira a se interessar, cada vez mais, pelos resultados da pesquisa científica e a se preocupar com sua participação na formulação de políticas públicas de Ciência e Tecnologia”. (CALDAS, MACEDO, 1999)

Os jornalistas se mostram interessados, entretanto, apontam dificuldades no processo de comunicação, apuração e veiculação das reportagens relacionadas ao tema. Uma delas, a assessoria de imprensa que, conforme nos diz Flores (2005), pode acontecer porque a relação jornalista e jornalista/assessor são tomadas por uma série de conturbações dos dizeres.

“O jornalista/assessor não está inscrito nem no discurso científico e nem no discurso da mídia, mas é atravessado pelo sentido desses dois discursos. O trabalho de produção de sentido, a partir dessa posição, não é de substituição, mas de transferência de sentidos, ou seja, a partir dos dizeres da ciência ele usa uma linguagem que possa ser reconhecida pelo leitor virtual fazendo com que esse leitor compreenda os dizeres. O sujeito jornalista/assessor trabalha com o imaginário tanto do leitor virtual, que é outro jornalista, como também do grande público, entrecruzando os diversos espaços de significação ao reformular o dizer do cientista. Nessa posição ele reforça os dizeres do senso comum, sem deixar de trazer a nomenclatura da

ciência, embora seu dizer também tenha atravessamentos do discurso jornalístico, ficando aí nesse confronto, materializadas as condições de divulgação, que produz movimento de interpretação entre a ciência e o jornalismo não especializado, que é o da mídia.” (FLORES, 2005, p. 2).

Além disso, pode-se dizer que essa dificuldade de acesso às fontes produtoras de ciência, e por consequência, a divulgação científica tem alguma relação com a formação dos comunicadores.

“No Brasil, a formação de jornalistas e divulgadores ocorre quase sempre de forma autodidata, em função da ausência de cursos regulares na área. Entretanto, nas últimas duas décadas, várias iniciativas têm surgido para incentivar a formação de profissionais especializados.” (CALDAS, MACEDO, 1999).

No levantamento obtido com a aplicação do formulário, contudo, o cenário é um pouco mais animador uma vez que 72,2% dos entrevistados disseram ter tido contato com jornalismo científico durante a graduação. Porém, considerando o conjunto dos dados, questiona-se a qualidade desse contato e até que ponto ele é útil para ser aplicado no dia-a-dia do jornalista.

Outro elemento é relevante para a análise é o fato de não haver editoria de ciência nos jornais em que os entrevistados trabalham. Os dados mostram 83,3% nunca trabalharam em uma redação com editoria de ciência. Considerando que o jornalismo científico é um campo do jornalismo que tem uma formação discursiva própria e com características de cobertura bem peculiares (ZAMBONI, 2001, apud BERTONE et al. 2018, é até compreensível os resultados encontrados de baixa produção jornalística na área. A popularização da ciência por meio da divulgação científica, tendo como ênfase o jornalismo científico, é fundamental no momento contemporâneo, porém ele precise ser entendido como um gênero discursivo diferente da própria ciência que o constitui, ainda que ambos os discursos mantenham entre si uma relação “genealógica” (ZAMBONI, 2001, apud BERTONE et al. 2018).

CONCLUSÃO

A pesquisa Imprensa e CT&I no Vale do Paraíba teve como intuito analisar o jornalismo científico nas redações da cidade de São José dos Campos e região, com

foco em entender quem são os jornalistas, o perfil profissional destes e o contato ou formação na ciência que tiveram ou não. Procurar compreender os jornalistas que estão dentro das redações fazendo a cobertura de notícias na região do Vale do Paraíba que é sede de grandes empresas voltadas à CT&I.

No formulário online realizado pelo grupo Labcom Univap, tirou-se a conclusão de que há uma carência na cobertura relacionada à ciência e tecnologia. Existe um interesse por parte dos profissionais pela área, todavia, outros fatores tais como, não existir uma editoria na redação especialmente para a área de ciência, ou a assessoria de imprensa não contribuir para a comunicação e divulgação de execução de trabalhos científicos, podem dificultar a execução para o trabalho de jornalismo científico.

Os dados deste trabalho, ainda que em etapa inicial, apontam que a cobertura em ciência na região do Vale do Paraíba não é resultado de uma resposta simples e pontual. Acredita-se, portanto, que há uma justificativa ampla e multifatorial que leva a redução da produção em jornalismo científico na região, especificamente, nos jornalismo local. Espera-se assim, a partir dos próximos passos da pesquisa, ampliar a visão desta problemática a partir da conclusão do levantamento das entrevistas com os demais jornalistas locais, posteriormente ampliando nossa entrevista para assessores de imprensa e jornalistas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BERTONE, Y, ZANVETTOR, K e BAPTISTA, C, et al, **Percepção pública da ciência: um olhar para o cenário de São José dos Campos e região**. Projeto do Labcom Univap. São José dos Campos, Univap: 2018.

COSTA, Tatiane Cruz Leal. **Jornalismo Científico X Divulgação Científica: uma análise da cobertura da COP-15**. Orientador: William Dias Braga. Rio de Janeiro, 2010. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 56f.

CALDAS, Graça; MACEDO, Mônica. **A formação de jornalistas científicos no Brasil**. 1999. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/1999/10/01/a-formacao-de-jornalistas-cientificos-no-brasil/> Acesso em: abril de 2019.

CUNHA, Cíntia. **Jornalismo Científico: compreensão e produção**. São Paulo, 2007.
Disponível em: http://www.fiocruz.br/brasiliانا/media/dissertacao_cintiacerqueira.pdf Acesso em: abril de 2019.

FLORES, Giovanna. **Entre a ciência e a mídia: um olhar da assessoria de imprensa**. 2005.
Disponível em: <http://dmlm.fflch.usp.br/sites/dmlm.fflch.usp.br/files/Giovanna%20Flores.pdf>
Acesso em: abril de 2019.

MARIOTO, Yasmin; ZANVETTOR, Kátia. **Imprensa e CT&I no Vale do Paraíba: uma análise do jornalismo científico na região do Vale do Paraíba**. Intercom, Belo Horizonte, p.1-11, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-1568-1.pdf> Acesso em: abril de 2019.

MASSOLA, Gustavo Martineli; CROCHIK, José Leon; SVARTMAN, Bernardo Parodi. **Por uma crítica da divulgação científica**. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 310-315, Dec. 2015. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000300310&lng=en&nrm=iso Acesso em: abril de 2019

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

SILVA, Liliane. **O Advento do Jornalismo Científico e a Prática da Irreflexão**. Intercom, Caxias do Sul, 2010. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2463-1.pdf> Acesso em: abril de 2019.

ZAMBONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.